IMPACTO DA PANDEMIA NA EDUCAÇÃO

RITA CÁSSIA SILVA ARAÚJO

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo apresentar uma visão de como as unidades escolares, as famílias, os educandos, os professores e a sociedade estão enfrentando este momento de distanciamento devido à Pandemia do Covid-19. O despreparo enfrentado pelas unidades escolares, públicas e privadas, a falta de acesso a tecnologias digitais pelos educandos e a dificuldade de socialização dos espaços familiares, pode promover um alto índice de evasão escolar. Apresentaremos também as oportunidades de aprimoramento das competências dos educandos e da interação das famílias, antes um tanto afastadas do cotidiano escolar. Os pontos de vista de especialistas, dificuldades e alternativas para uma melhor adequação aos novos métodos de ensino que com o advento da pandemia devem se incorporar ao cotidiano escolar e familiar com objetivo de que a defasagem originada no ensino remoto, devido a fatores socioeconômicos e de inclusão digital possam ser minimizados.

PALAVRAS-CHAVE: Pandemia; Educação, Família; Tecnologias; Evasão Escolar.

INTRODUÇÃO

Os impactos causados pela Pandemia Covid-19 na Educação no Brasil e no mundo podem não ser mensurados com precisão. Não existem dados, no momento, para que uma análise precisa seja feita, mas segundo relatório do Banco Mundial os danos serão graves e duradouros principalmente em países pobres e subdesenvolvidos.

Ainda segundo o Banco Mundial dois a cada três alunos brasileiros podem não aprender a ler adequadamente um texto simples aos 10 anos. Esta informação é de um estudo divulgado que analisou o impacto da Covid-19 na Educação dos países da América Latina e Caribe.

Mesmo diante deste cenário, a professora Ellen Ferreira, coordenadora executiva do Projeto Pretinhas Leitoras e Articuladora Territorial e Educacional de Iniciativas em Arte-educação, ressalta que o ensino remoto não substitui a sala de aula, mas é o melhor a ser feito neste momento. “O ensino remoto nem de perto substitui o ensino presencial porque a Educação não é só conteúdo. Educação é construção de conhecimento coletivo, Educação é partilha de saberes e, ao mesmo tempo, é acúmulo de habilidades para construção de um bem comum, para construção sobretudo de um bem que exige da gente habilidades emocionais, habilidades intelectuais, que transformam o nosso eu e que incidem na coletividade da qual pertencemos”, explica.

Outro destaque do estudo do Banco Mundial é em relação ao que chamam de índice da “pobreza de aprendizagem”, que analisa, baseada em estatísticas educacionais, o percentual de crianças com 10 anos incapazes de ler e entender um texto simples. Segundo o levantamento a pandemia aumentaria esse índice drasticamente, já que no Brasil, 50% dos alunos já se enquadravam na chamada “pobreza de aprendizagem”

O relatório alerta ainda que a pandemia pode fazer com que os sistemas educacionais da América Latina regridam e voltem ao que eram nos anos 1960, com consequências duradouras para toda uma geração.

Para o professor Everton Pereira, especialista em sociologia no ensino médio e professor na rede estadual de Minas Gerais, o impacto no Brasil pode ser ainda mais brutal já que temos um nível de desigualdade maior que outros países da América Latina: “Essa defasagem, essa dificuldade de aprendizagem ela pode de fato, como o estudo aponta, prolongar para toda uma geração, uma geração inteira fica “condenada” a uma forma pouco crítica do conhecimento e da autonomia do indivíduo. Isso gera uma população que pode ter dificuldade até mesmo de inserção ao mercado de trabalho”, diz.

Apresentaremos algumas das dificuldades, como despreparo das unidades escolares públicas e privadas, das famílias, a utilização das novas tecnologias e novas habilidades, alguns pontos de vista e o papel das famílias, escolas e educandos neste momento de mudanças bruscas e inevitáveis.

Despreparo da educação: professores, escola, alunos e família

Em pleno século 21, era da modernidade, uma pandemia com as proporções que a COVID-19 alcançou nunca foi imaginada. Como consequência disso, nenhuma organização, seja ela governamental ou privada, estava preparada para lidar com as consequências naturais impostas pelo distanciamento e isolamento social.

Todos os setores da sociedade estão sofrendo para se adaptar, procurando formas de superar essa situação, alguns com mais ou menos comprometimento. Não seria de se esperar que a área da Educação escaparia desse desafio, que nos mostrou e ainda mostra o despreparo de toda a comunidade escolar para um cenário em que a tecnologia pode ser um instrumento facilitador do processo de aprendizagem.

O primeiro desafio foi transformar as escolas presenciais em virtuais. Grande parte delas, sejam públicas ou privadas, não contavam com o suporte necessário para o oferecimento do ensino remoto ou a distância, apesar da internet e todo seu aparato de aplicativos e facilidades presentes em nosso cotidiano, mesmo nas instituições do Ensino Superior, onde as plataformas digitais eram aproveitadas pela minoria dos estudantes. E do dia para a noite as escolas precisaram encontrar maneiras de se adaptar a essas “novas tecnologias” – que não são tão novas assim.

O outro desafio foi apresentar aos professores, esta nova realidade tecnológica, já que não tiveram a formação adequada para lecionar a distância. Preparar uma aula remota é bem diferente da prática presencial de sala de aula, a dinâmica de interação com os alunos é outra, as formas de comunicação com familiares mudam e o conhecimento das tecnologias educacionais é imprescindível.

As crianças e os jovens também não estavam acostumados a rotinas mais pesadas de estudos em casa, ambiente no qual normalmente priorizavam atividades de descanso e entretenimento, faltava maturidade para lidar com o planejamento do tempo e a autonomia, pois muitos pais não estavam presentes, e a dificuldade de concentra-

ção dos educandos da Educação Infantil e mesmo dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Por outro lado, os pais também não estavam preparados para assumir os estudos dos filhos junto ao home office, prática inevitável neste momento. Estes fatores não afetam apenas nossos estudantes, o mundo teve que se adaptar à distância social, muitas vezes desejada no dia a dia, mas que apresentada como rotina tornou-se sufocadora para muitos.

As famílias estavam distantes da escola

Nem tudo neste cenário aparentemente caótico mostra-se ruim. Alguns comportamentos antes ignorados ou não praticados se apresentaram necessários, como o convívio de várias pessoas, por um período longo, no mesmo ambiente, a reorganização do espaço familiar e no tocante à Educação, a presença das famílias no cotidiano escolar, um resgate do comportamento esquecido de nossos avós e pais. A presença das crianças e os jovens em casa, mostrou em muitos casos o quanto as famílias estavam até então afastadas da escola e do aprendizado de seus filhos. Ao terem que acompanhar mais de perto a rotina de estudos deles, pais e mães perceberam a necessidade de estarem mais próximos e inteirados do material didático, das metodologias adotadas e dos professores.

Como todo comportamento que é imposto de maneira rápida esse tem seus desgastes para ambos os lados. Os familiares e responsáveis se veem sobrecarregados com essa nova demanda, combinada ao trabalho no formato home office e afazeres do lar, mas passam a valorizar mais os professores e a escola. Do outro lado, as instituições de ensino passam a ser mais cobradas por pais e mães agora com melhor entendimento da aprendizagem dos estudantes.

Apesar de alguns contratempos e stress que pode ser gerado por este momento, o balanço dessa quarentena pode e deve ser positivo. Todos querem e estão buscando o melhor ensino para as crianças e os jovens, portanto precisamos estabelecer relacionamentos respeitosos, transparentes e objetivos.

Inacessibilidade a tecnologias educacionais

A Educação como direito de todos e dever do Estado e da família é o que prevê a Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, a pandemia escancarou para todos o que no fundo já tínhamos conhecimento, a desigualdade social e de acesso a tecnologias, apesar de o Brasil ser um dos países com mais celulares vendidos no mundo, a realidade brasileira está bem longe de ser igualitária. Na área da Educação a falta de acesso causa um abismo entre aqueles que podem dar continuidade ao seu processo de aprendizagem e outros que sequer possuem um dispositivo eletrônico com conexão à internet dentro de casa e quando possuem o mesmo deve ser divido entre outros membros da família.

As tecnologias educacionais são a principal solução para a situação que vivemos e de maior potencial de inovação na maneira como ensinamos crianças e jovens.

Segundo pesquisa do IBGE, apenas 57% da população do nosso país possui um computador em condições de executar softwares mais recentes. Outro estudo realizado em 2018, a Pesquisa TIC Domicílio, aponta que mais de 30% dos lares no Brasil

não possuem acesso à internet, que é praticamente indispensável para o serviço de ensino remoto.

O resultado disso é uma inevitável acentuação da desigualdade de acesso não só ao ensino de qualidade, mas do ensino básico, causando um déficit de aprendizagem ainda maior do que já temos entre alunos do sistema público e da rede particular.

Ressignificação da Educação para desenvolver novas habilidades

Mais do que nunca, ressignificar o modo de educar, de conviver e de organizar o tempo nunca foi tão fundamental para a sociedade. O como isso teve que ser feito não foi o mais adequado, verdade, mas o distanciamento social e a suspensão das aulas presenciais impuseram um momento de reflexão para toda a comunidade escolar. Com a paralisação forçada, educadores, pesquisadores e gestores da área da Educação estão buscando meios de renovar o ensino, motivar os educandos e ajudar os familiares neste novo conviver.

É a oportunidade que a Educação tem de pensar em maneiras mais efetivas de desenvolver novas competências nas crianças e nos jovens, as chamadas habilidades do futuro. E os números nos provam isso. Conforme relatório da Dell Technologies, mencionado em reportagem da Época Negócios, aproximadamente 85% das profissões em 2030, aquelas que serão ocupadas pelas gerações Z e Alpha, sequer existem hoje em dia.

Dentre essas capacidades e habilidades do futuro, mas que já se mostram diferenciais, estão: pensamento crítico e aprendizagem ativa; criatividade e originalidade; resolução de problemas complexos; trabalho em equipe entre outras.

A própria pandemia da COVID-19 ressalta a relevância dessas competências. Em um mundo cada vez mais globalizado, todos estão interconectados, ou seja, uma ação pode ter impacto e influência no planeta inteiro.

Por sua vez, as escolas precisam ensinar os estudantes a pensarem, explorarem sua criatividade para solucionar problemas complexos, muitas vezes sem a tutoria de um professor, e não apenas decorarem o conteúdo para acertar as questões cobradas em uma prova ou trabalho, premissas que são a base das escolas inovadoras nunca estiveram tão presentes no cotidiano.

Educação e Corona vírus: Ampliação do uso da tecnologia como aliada do aprendizado

Não é de hoje que algumas iniciativas já procuravam levar o ensino para fora dos muros da escola, ganhando terreno gradualmente. A pandemia fez com que esse processo fosse acelerado, e muito, provando que o processo de aprendizagem pode e deve acontecer fora da sala de aula.

Para isso se concretizar, o suporte da tecnologia é fundamental, primeiramente eliminando qualquer barreira física ou geográfica de comunicação e interação. Contudo, as ferramentas tecnológicas vão além, pois proporcionam a adoção de conteúdos variados e mais interativos, como videoaulas, infográficos, animações, realidade aumentada, jogos educacionais, tours virtuais em locais famosos e muito mais, auxiliando na Educação em tempos do Corona vírus.

As tecnologias educacionais promovem ainda meios de colaboração para a execução das atividades e de compartilha-

mento de experiências que podem ser acessadas por todos a qualquer momento.

Sabemos que os momentos de crise sempre impulsionaram a inovação da sociedade em diversas frentes, e a pandemia do Corona vírus não foge à regra e deve ser encarada como uma nova oportunidade de acelerarmos não só a utilização de tecnologias educacionais, mas também de alavancar mudanças nas metodologias de ensino amplamente adotadas pelas escolas.

Com as aulas remotas as instituições e órgãos educacionais do mundo procuraram experiências inovadoras de aprendizado remoto, mais dinâmicas, efetivas e condizentes com o ensino a distância. Enquanto isso, os educadores estão tendo a oportunidade de se apropriarem de novas maneiras de ensinar. Claro que para alguns isso é um obstáculo quase que intransponível, devido à idade e falta de afinidade com as novas tecnologias. Assim cabe à gestão escolar dar apoio a estes profissionais, pois a combinação dessas movimentações representa uma enorme evolução para a Educação.

Em uma área onde a aplicação de novas tecnologias e metodologias parecia ainda distante e com muita resistência tornou-se imprescindível a adaptação às mesmas. É necessário que a aprendizagem seja integrada e cativante para professores, alunos e familiares. E para que isso seja alcançado, o compartilhamento de boas práticas é fundamental.

Autonomia e protagonismo dos estudantes

Se por um lado a imposição do ensino remoto e a distância causam uma perturbação geral da rotina de estudos, a perspectiva dessa nova realidade é o estímulo ao desenvolvimento de novas habilidades, principalmente da autonomia dos alunos, colocando-os como protagonistas do seu próprio processo de aprendizagem. Obrigados a direta ou indiretamente organizar sua rotina de estudos em casa, gerenciar seu tempo, planejar a realização das atividades, entre outras tarefas, as crianças e os jovens estão aprendendo sobre si mesmos. Eles estão percebendo qual é o seu ritmo de aprendizado, quais são suas aptidões e identificando quais são suas dificuldades.

Esse autoconhecimento não traz benefícios unicamente para os estudantes, mas para todos e tudo que os cercam, reforçando o engajamento destes com o conteúdo, tendo que tomar decisões e arcar diretamente com as consequências, esse moderno processo educacional, traz ao estudante uma liberdade e flexibilidade de adequar os estudos ao seu perfil de aprendizado, enquanto o professor atua muito mais como um mediador entre os conteúdos, as tecnologias e os alunos. Este novo momento desenvolverá nas crianças e jovens um novo olhar para o futuro, estimulando-os a uma maior participação nas esferas política, social, econômica e cultural.

É sabido que crises globais ao longo da história promoveram grandes invenções e inovações. Este momento de isolamento social que vivenciamos é complicado. Porém, não podemos deixar que esse período seja desperdiçado, precisamos usá-lo como propulsor para mudar e melhorar a Educação.

Ações durante e pós Pandemia para evitar evasão escolar

Com grande certeza haverá um au-

mento nos índices de evasão escolar por motivos diversos. Movimentação das famílias em consequência do desemprego, o desestímulo por não conseguir acompanhar as aulas remotas ou mesmo pelo desapego familiar à importância da educação no desenvolvimento da criança e jovem. Apontado por especialistas como uma das principais consequências desse período prolongado de paralisação das atividades presenciais, as redes de ensino vêm buscando por meio da oferta de atividades de ensino remoto reduzir os prejuízos na aprendizagem de seus estudantes, o desafio de mantê-los engajados nos estudos é grande.

Além da autonomia e disciplina exigidas dos alunos nessa reorganização da vida escolar, a falta de acesso ou o acesso limitado à internet configura-se como um primeiro obstáculo para que a totalidade dos estudantes seja contemplada.

Diante desse cenário, especialistas e organizações têm reforçado a importância dos gestores educacionais e escolares desenvolverem ações específicas com foco nos alunos com maior risco de evasão durante esse período. Levando em consideração que grande parte ou a totalidade das unidades escolares públicas não estar com atendimento presencial, estratégias para acompanhar e estimular o engajamento dos estudantes se torna fundamental. Uma alternativa seria a produção de material apostilado, entregue em dias específicos e com feedback das escolas junto aos educandos e pais, o que contribuiria para reforçar o laço entre escola e família, fundamental neste momento de distanciamento

Na E.E.M. Ana Costa Teixeira, situada em Itapipoca (CE), a 132 km de Fortaleza, a gestão desenvolveu um sistema de ouvidoria dos alunos por meio de um formulário on-line. “Enviamos semanalmente para entender quais são as angústias dos nossos alunos e como ele está se sentindo nesse processo e como a escola pode melhorar as relações pedagógicas para que ele se sinta contemplado diante das necessidades dele”, conta o diretor Jhonata Paixão Tabosa. Foi, por exemplo, a partir do feedback dos estudantes obtido por meio desse formulário sobre a dificuldade enfrentada por eles para baixar as videoaulas por conta de limitações no acesso à internet que os professores passaram a produzir também podcasts.

O Banco Mundial sugere que os ministérios da Educação dos países forneçam todo o suporte possível às famílias, lançando mão de ferramentas como rádio, tevê e mensagens de SMS para dar dicas e conselhos aos pais sobre como apoiar seus filhos nos estudos.

Temos também outro agravante neste processo, as escolas rurais, ainda muito presentes no Brasil, e vamos incluir aqui as comunidades ribeirinhas. O acesso destas à internet muitas vezes é inexistente, com isso a probabilidade de evasão torna-se maior. Temos exemplos de gestores que se engajam para que isso não aconteça, como na Unidade Escolar Hesíchia de Sousa Brito, localizada na zona rural do município de Piracuruca (PI), a gestão organizou a equipe para realizar um acompanhamento muito próximo dos acessos dos estudantes à plataforma estruturada para as atividades não presenciais. “Nosso objetivo principal é que nossos alunos não venham a se dispersar. Que esse tempo que estão afastados da escola não seja um motivo que venha a gerar um desestímulo e eles venham a evadir”, ressalta o diretor José Idelson de Brito.

Diariamente, a equipe administrativa emite relatórios para a coordenação com a quantidade de acessos à plataforma e as informações sobre os que não estão acessando. Nesse caso, uma outra parte da equipe foi designada para entrar em contato com as famílias desses estudantes, “Nós ligamos para os pais para saber o que está acontecendo, quantas horas o filho está no celular estudando, pedimos que eles acompanhem, perguntem, observem. Os pais nesse exato momento é o segundo elo da escola. Aquele trabalho que o coordenador da escola faz cobrando, que o diretor da escola faz indagando, monitorando, esse trabalho agora nós dividimos a responsabilidade com os pais”, explica o diretor.

Abordagens como estas deveriam ser comuns, mas sabemos que iniciativas assim são raras nas unidades escolares públicas pois demanda um comprometimento dos gestores, professores e coordenadores com o bem-estar dos educandos e seus familiares.

Nas unidades escolares da Prefeitura de Guarulhos este problema não passou despercebido.

A Escola da Prefeitura de Guarulhos Giseli Lazarini da Silva Portela buscou levantar junto aos responsáveis pelos educandos o que dificultava o acompanhamento das atividades remotas através de uma busca ativa, onde foi abordado: se as metodologias das atividades direcionadas aos educandos estavam sendo aproveitadas pelos mesmos; se no caso do retorno às aulas presenciais os responsáveis liberariam os educandos para frequentarem e se os educandos estão tendo acesso ao Programa Saberes em Casa, programas de aulas remotas da Prefeitura de Guarulhos.

Os resultados podem ser observados nos gráficos a seguir:

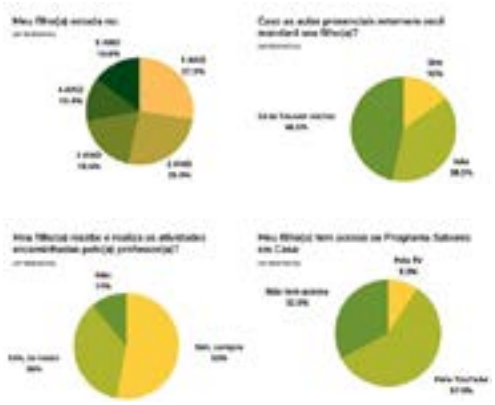
Pesquisa 1:







Pesquisa 2:



Os resultados apresentados nas pesquisas mostram que a grande parte dos educandos consegue realizar as atividades fornecidas pela unidade escolar, metade não conseguem realizar o desafio do dia, atividade suplementar fornecida pela escola e também não conseguem acompanhar o